



# RELATOS

Perder-se numa cidade é talvez o modo mais interessante de conhecê-la. Os percursos, porque dependem da experiência individual, tecem narrativas urbanas subjetivas e, portanto, roteiros originais.

Diferente do roteiro turístico, perder-se na cidade, no sentido da *deriva*<sup>1</sup>, significa menos uma angústia e mais uma entrega. O percurso espontâneo - mais interessante, talvez, que as indicações dos mapas turísticos - pressupõe que a cidade deva oferecer diversidade. Toda paisagem urbana, nesse sentido, deveria ser interessante enquanto espaço arquitetônico e deveria ser vivenciada como tal.

As ruas históricas da cidade de Outro Preto oferecem passeios estreitos e ruas sinuosas. A paisagem é emoldurada por um campo visual que se revela lentamente enquanto arquitetura e monumento, sob diferentes paisagens. As ruas estreitas e íngremes impedem a visão ampla e panorâmica, conduzindo os pedestres e motoristas aos caminhos sinuosos.

---

<sup>1</sup> Deriva é o modo de comportamento experimental ligado às condições da sociedade urbana: técnica de passagem apressada por vários ambientes. Mais particularmente, também designa a duração de um exercício contínuo desta experiência (CARERI, Francesco. Walkscapes: o caminhar como prática estética. São Paulo: Ed. Gilli, 2013, p. 90).

A cidade histórica é compreendida por suas frações, seus quadros, e nunca em sua totalidade. A arquitetura, por sua vez, é revelada aos caminhantes a partir dos seus múltiplos roteiros; o lugar é descoberto aos poucos, por fragmentos. O casario colonial incorpora-se aos edifícios monumentais, resultando numa composição arquitetônica que respeita a escala do lugar.

Durante uma caminhada, a paisagem ali é uma sequência inesperada de fragmentos de paisagem. A cidade não se revela facilmente ao observador. Apresenta uma geografia rebuscada, de textura específica, que mantém o caminhante atento ao chão.

Uma certa noite, enquanto a cidade dormia, decidimos caminhar pela Ouro Preto histórica de ruas íngremes em busca da paisagem plena - arquitetura e silêncio. Quando o sono avisou a hora de voltar, nos perdemos. Subindo, a rua íngreme apresentou a fachada lateral da Igreja da Nossa Senhora do Pilar. Já é muito tarde. A passagem lateral é estreita e não permite o afastamento necessário para que a obra se apresente ao observador. Se-

guimos, então, com atenção ao caminho irregular. A parede lateral é robusta e se estende muito acima do campo de visão, trazendo a angústia de não se compreender a escala do edifício.

Logo na esquina, ao contornar a grande estrutura de pedras, surge a igreja em sua fachada principal como um gigante adormecido. O passeio noturno, inesperadamente, trouxe um dos maiores monumentos da arquitetura barroca brasileira.

